

## América Latina na imprensa: uma análise a partir de textos acadêmicos brasileiros do período 1980-2005

Angela Zamin

*Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil*

E-mail: angelazamin@gmail.com

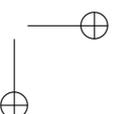
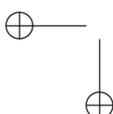
**P**ARA que se possam investigar as relações do discurso jornalístico com contextos geopolíticos internacionais específicos e circunscrevê-las<sup>1</sup>, é preciso preliminarmente reconhecer que o conteúdo desse discurso advém de outros lugares, já que é um discurso de mediação dos campos sociais. O jornalismo constitui-se não apenas como um lugar de acolhimento das compreensões sobre os variados processos sociais, mas se destaca como agente neste cenário, ao operar a construção (ou atualização) de sentidos por meio do seu discurso. Pode-se reconhecer o jornalismo como produtor de discursos que colocam em circulação aquilo que lhe é exterior e anterior, a partir de escolhas orientadas, de modelos de apuração e de condições de produção específicas.

Neste artigo, pretende-se apresentar e refletir algumas perspectivas acadêmicas de discussão sobre jornalismo internacional e América Latina, a partir de textos brasileiros sobre essa temática, produzidos entre 1980 e 2005. Ao apresentá-los, desenvolvo uma análise sobre enquadramentos e tendências presentes nesses estudos.

O mapeamento (Santaella, 2001) dos textos acadêmicos brasileiros considerou alguns territórios, que funcionam como pontos de ancoragem e de contato, como imprensa latino-americana; jornalismo internacional; representações, identidades e imaginário latino-americano na imprensa; discurso geopolítico, integração e blocos regionais; cobertura de guerras, guerrilha e narcotráfico etc. Por esse processo, identifiquei 25 textos, entre teses e dissertações, e elegi seis para uma primeira análise da produção acumulada sobre o tema, ainda em perspectiva ampliada. Tal iniciativa de levantar o 'estado da arte' se complexifica por uma das características importantes à pesquisa em

---

<sup>1</sup>Trata-se de tematização referente à pesquisa de doutoramento.



Comunicação, que é sua fragmentação e seu trânsito pelas Ciências Sociais e Humanidades (Santaella, 2001).

No movimento de apropriação desses trabalhos, após a identificação de um conjunto representativo sobre a temática, estabeleci o período de estudo 1980-2005, tomando como balizadores o ‘Relatório McBride’, produzido pela Comissão Internacional para Estudo dos Problemas da Comunicação<sup>2</sup>, e o livro ‘A informação na nova ordem internacional’<sup>3</sup>, ambos de 1980, de um lado, e a eleição, a partir de 2002, de vários presidentes apoiados por movimentos sociais e populares na América Latina<sup>4</sup> e a não assinatura do acordo da Área de Livre Comércio das Américas (Alca), em dezembro de 2005, de outro.

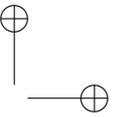
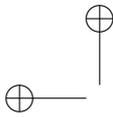
Este período temporal (1980-2005) é marcado, ainda, em âmbito macro, pelo fim da Guerra Fria (1945-1991), a partir das quedas do muro de Berlim e do regime soviético, pela consolidação da doutrina neoliberal, consolidada por meio do Consenso de Washington, e pelo anúncio de uma nova ordem internacional, em 1991<sup>5</sup>. Na avaliação de Steinberger (2005), neste período, perde-se o referencial de narratividade do geopolítico que, por mais de 40 anos, esteve ligado à Guerra Fria e a um discurso maniqueísta, de heróis e vilões.

<sup>2</sup>A Comissão Internacional para Estudo dos Problemas da Comunicação foi formada em 1977 pela Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (Unesco), a partir do apoio à Nova Ordem Mundial da Informação e Comunicação (Nomic). Sob coordenação do irlandês Seán MacBride, e mais representantes de 15 outros países, produziu-se um relatório publicado sob o título *Um mundo e muitas vozes: comunicação e informação na nossa época*. O documento reflete sobre problemas da comunicação no mundo e propõe mudanças e estratégias para redistribuir e equilibrar os fluxos de informação entre países.

<sup>3</sup>O livro se dedica tangencialmente à temática do fluxo informativo nos países não-alinhados e reforça a dependência de agências transnacionais de notícias.

<sup>4</sup>Segundo Petry (2008), entre os anos de 2005 e 2007 as eleições presidenciais em países latino-americanos desenharam o seguinte cenário: no Uruguai, afastando as oligarquias que estavam no poder há 174 anos, o socialista Tabaré Vázquez; no Haiti, René Préval; na Colômbia, Álvaro Uribe é reeleito; no Chile, a socialista Michelle Bachelet Jeria; na Costa Rica, o ex-presidente Oscar Arias, Prêmio Nobel da Paz de 1987; no Peru, o ex-presidente Alan García; na Bolívia, Juan Evo Morales; México, Felipe Calderón; Nicarágua, ex-presidente da revolução nicaragüense Daniel Ortega; Equador, Rafael Correa; Venezuela, Hugo Chávez, é reeleito; Brasil, Luiz Inácio Lula da Silva é reeleito; Guatemala, Álvaro Cólón Caballeros.

<sup>5</sup>“No plano histórico, a Queda do Muro [de Berlim] marcou uma vitória do capitalismo sobre o socialismo real e acabou teoricamente com a Guerra Fria, inaugurando uma nova ordem internacional. Rompeu-se a bipolaridade Estados Unidos-URSS” (Steinberger, 2005, p.239 [acréscimo meu]).



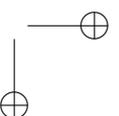
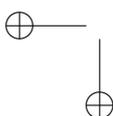
Assim, a escolha de textos acadêmicos considera também esses três momentos – anos 1980, 1990 e 2000. Deste primeiro período – a década de 80 – elegi as dissertações ‘O controle externo da informação como forma de dominação’ (UFRGS, 1980), de Martha Alves D’Azevedo, e ‘A notícia que não é nossa: uma análise do noticiário internacional da imprensa gaúcha’ (UFRGS, 1984), de Cleni Dombroski Leal. Da década de 90 recupero a dissertação ‘O exterior e o jornal: um estudo sobre o ritual da notícia internacional’ (PUCSP, 1992), de Fátima de Azevedo Francisco. Dos anos 2000 a escolha recai sobre os trabalhos: ‘Papel da mídia impressa brasileira no processo de integração latino-americana: um estudo do comportamento editorial de grandes periódicos nacionais’ (FAC-UNB, 2001), dissertação de Francisco Cláudio Corrêa Meyer Sant’Anna; ‘Discursos Geopolíticos da Mídia – Jornalismo e Imaginário Internacional na América Latina’ (PUCSP, 2003), tese de Margarethe Born Steinberger<sup>6</sup>; e ‘A solidão da América Latina na grande imprensa’ (ECA-USP, 2005), dissertação de Alexandre Barbosa.

Para além das relações estabelecidas entre jornalismo internacional e América Latina, o movimento de apropriação desses trabalhos apresenta também as escolhas metodológicas e temporais, mesmo que datadas, porque considero importante apreender o contexto que circunscreve os processos de investigação.

## Os textos, escolhas teórico-metodológicas

O objetivo de verificar se o controle exercido pelas grandes agências internacionais de notícias se constituía numa forma de dominação, de favorecimento de alguns países em detrimento de outros, resulta na dissertação ‘O controle externo da informação como forma de dominação’, de Martha Alves D’Azevedo (1980). A pesquisadora opta por desenvolver uma pesquisa quantitativa, por meio de análise morfológica (centímetro-coluna, procedência etc), para verificar o total de notícias do exterior veiculadas em três jornais diários brasileiros, Correio do Povo (Porto Alegre), Jornal do Brasil (Rio Janeiro) e O Estado de São Paulo (São Paulo). Realiza uma análise de conteúdo, a partir da construção de uma escala de favorabilidade para definir o conteúdo das notícias (positivo ou negativo). A metodologia, segue a orientação dos trabalhos do

<sup>6</sup>Neste artigo utilizo o livro de mesmo nome, publicado a partir da tese (ver bibliografia).



Centro Internacional de Estudos Superiores de Comunicação para a América Latina (Ciespal)<sup>7</sup>, para estudos de jornalismo comparado.

D'Azevedo (1980) opta como recorte temporal pelo ano de 1976 devido a três acontecimentos: a Conferência de Costa Rica, promovida pela Unesco para estudar o controle da informação no mundo; as eleições para a presidência dos Estados Unidos e as eleições municipais no Brasil. A amostra considera quatro semanas: a da Conferência da Unesco (de 13 a 18 de julho de 1976); a semana anterior às eleições presidenciais estadunidenses (de 26 a 31 de outubro); também a semana anterior às eleições no Brasil (de 9 a 14 de novembro); e uma semana aleatória, sem acontecimentos singulares, em dezembro do mesmo ano (de 14 a 19 de dezembro). Desses períodos, analisa apenas as edições que circularam as terças e quintas-feiras e aos domingos. Para a análise quantitativa, identifica cada país referido pelas notícias internacionais, quantifica o espaço destinado a eles (em centímetro-coluna) e compara os resultados. Na análise de conteúdo estabelece como variáveis a origem da informação (de agências, de órgãos ou veículos de comunicação do exterior ou de correspondentes) e a forma de leitura do exemplar do jornal; estabelece as categorias economia, cultura, política, tecnologia e ordem social e física, desdobradas em subcategorias, e constrói uma escala de favorabilidade para a análise.

Também sob orientação dos estudos descritivos do Ciespal, Cleni Dombroski Leal desenvolve o estudo 'A notícia que não é nossa', onde investiga a cobertura internacional na imprensa gaúcha, a partir dos jornais portoalegrenses *Correio do Povo*, *Zero Hora* e *Folha da Tarde*. A pesquisadora justifica a escolha por três motivações editoriais, todas no ano de 1982: a Guerra das Malvinas, na Argentina, episódio de interesse da imprensa gaúcha pela localização geopolítica do Rio Grande do Sul, que resultou, pela primeira vez, nos jornais gaúchos, no investimento em enviados especiais e correspondentes; a crise polonesa, desencadeada pela Lei Marcial de dezembro de 1981; e a invasão do Líbano por forças apoiadas pelos Estados Unidos e Israel. Além dessa, uma motivação profissional, a pesquisadora era redatora da editoria de internacional da *Folha da Tarde*.

<sup>7</sup>O Ciespal, fundado em 1959, por iniciativa do governo equatoriano, da Unesco e da Organização dos Estados Americanos (OEA) visava à criação de "centros destinados a desenvolver atividades de ensino, privilegiando a formação de profissionais para atuar nas indústrias culturais da região, principalmente na área de jornalismo" (Gobbi, 2004. p.19-20).

O trabalho é marcado por duas perspectivas vigentes à época, uma teórica, outra metodológica. A perspectiva teórica considera a dominação das agências transnacionais e o enfoque ideológico que perpassa essas informações, como mostra os textos tomados aqui como preliminares ao mapeamento realizado, o ‘Relatório McBride’ e o livro ‘A informação na nova ordem internacional’. A metodologia, como no trabalho anterior, orienta-se pelas proposições do Ciespal, compreendendo, a análise morfológica e de conteúdo, ambas descritivas. Por essas escolhas, Leal (1984) desenvolveu uma análise comparativa do noticiário internacional nos três jornais investigados.

‘O exterior e o jornal: um estudo sobre o ritual da notícia internacional’, dissertação de Fátima de Azevedo Francisco (1992), toma como perspectiva teórico-metodológica autores da semiótica da cultura (como Pross, Lotman e Bystrina), além de Mircea Eliade, para um trabalho que discute mito e ritual no jornalismo internacional.

O trabalho configura-se a partir de uma motivação profissional, a experiência na editoria de Internacional de um jornal impresso, mas não se restringe a ela, uma vez que a escolha para investigação recai sobre outro periódico, a Folha de S. Paulo, a partir das páginas da editoria de Exterior. Francisco (1992) pré-selecionou 300 páginas dessa editoria no período de 1988 a 1991, e dessas, 12, para compor a dissertação. Também realizou entrevistas, com os jornalistas Carlos Eduardo Lins da Silva, relator do Projeto Folha, e José Arbex Júnior, na época editor de Exterior. O texto do Projeto Folha também serviu de referências às análises.

Sant’Anna (2001) em ‘Papel da mídia impressa brasileira no processo de integração latino-americana’, analisa o processo de construção da notícia sobre a América Latina em jornais impressos. O estudo do comportamento da mídia impressa brasileira em relação à América Latina é motivado, segundo Sant’Anna (2001), pela exclusão das páginas brasileiras do blecaute que atingiu, por dez dias, a província de Buenos Aires, Argentina, em fevereiro de 1999, por uma escolha editorial que privilegiou a crise do Kosovo e a candidatura de Hillary Clinton ao Senado dos Estados Unidos. O estudo parte de perguntas como: “que motivos levam a imprensa brasileira a adotar o tratamento editorial que dispensa aos fatos latino-americanos?”, “que fatores contribuem para o tratamento editorial concedido e de que forma ele se verifica?” e “o comportamento editorial da imprensa brasileira contribui para a criação

de forma positiva de uma identidade latino-americana?” (Sant’Anna, 2001, p.5).

A metodologia adotada – análise documental, pesquisa de campo e questionário – permitiu movimentos complementares. Sant’Anna (2001) realiza a análise documental de três pesquisas. A primeira, do departamento de Ciência Política da Universidade de Brasília, que identifica o perfil de temas e a relação dos países latino-americanos mais comumente abordados pelas agências transnacionais. A segunda, em que busca identificar, a partir dos portais *online* dos principais jornais latino-americanos, a viabilidade técnica do uso deste serviço como instrumento de aproximação, localização de fontes e obtenção de informações sobre os países latino-americanos. A terceira, onde trata da cobertura jornalística das eleições gerais na Venezuela e da votação de nova constituição, em 2000, busca identificar nos jornais impressos brasileiros os fornecedores das informações e as idéias centrais apresentadas. Sant’Anna (2001) desenvolveu também duas pesquisas de campo, uma, por ocasião de um seminário de formação sindical para jornalistas, na Venezuela, onde aplicou questionário a jornalistas latino-americanos de diversos países visando a identificar o grau de absorção por estes profissionais dos conceitos e valores massificados pelas agências de notícias. A segunda investigação de campo foi realizada valendo-se da ação de assistentes (alunos da graduação da Universidade de Brasília), com o objetivo de verificar o volume e o perfil do noticiário latino-americano enviado pelas agências aos dois principais jornais diários de Brasília, o Correio Brasiliense e o Jornal de Brasília.

Em vários momentos o estudo ancora-se na teoria do Efeito Circular Circulante, de Bourdieu (1997). O trabalho fornece, também, uma contextualização sócio-histórica profunda sobre a imprensa na América Latina.

A dissertação ‘A solidão da América Latina na grande imprensa brasileira’, de Alexandre Barbosa (2005), refere-se à América Latina a partir da divisão em duas Américas: a oficial ou da grande imprensa e a popular, dos movimentos sociais e da imprensa alternativa, conforme proposta do pesquisador. Barbosa (2005) faz outra divisão, dois eixos de análise, o ambiente sócio-histórico (América Latina oficial versus América Latina popular / grande imprensa versus imprensa alternativa) e o ambiente jornalístico (o mundo do jornalismo, as relações de trabalho, o mito da imparcialidade, agências e formação acadêmica), a partir dos quais investiga os fatores que contribuem para formar o quadro de solidão da América Latina no jornalismo brasileiro.

A investigação assenta-se no que Barbosa (2005, p.22) define como negativo, porque “não há um objeto de pesquisa, mas a ausência dele”, já que as palavras sobre a América Latina desaparecem, segundo o pesquisador, das páginas da grande imprensa. A partir daí, desenha um movimento teórico denso de entrelaçamento de questões das Ciências Sociais e Políticas à Comunicação que circunscreve a América Latina. Tal feito não se repete sob a perspectiva empírica, “restrita à prova física”, na avaliação de Barbosa (2005). Assim, veículos da América Latina oficial (Veja, Revista Folha/FSP, Playboy, Cláudia) e da América Latina popular (Caros Amigos, Agência Carta Maior, Jornal Sem Terra, Brasil de Fato) aparecem e desaparecem do texto, como exemplos às proposições teóricas construídas pelo pesquisador. A partir de pautas sobre a América Latina, oriundas da Agência Latino-Americana de Informação (Alai), realiza um movimento teórico-metodológico profícuo à pesquisa, entrevista alguns dos jornalistas responsáveis pela cobertura internacional ou editor-chefe de veículos de comunicação paulistas e solicita que indiquem “se as publicariam, com maior ou menor destaque, se seriam subsídio para um programa, ou caderno especial, ou se não interessavam ao público” (Barbosa, 2005, p.73).

Na tese ‘Discursos Geopolíticos da Mídia: Jornalismo e Imaginário Internacional na América Latina’, Margarethe Born Steinberger (2003) reúne ferramentas conceituais, teóricas e epistemológicas para investigar como os discursos jornalísticos intervêm na formação do imaginário internacional da América Latina. Opta por uma pesquisa teórica sobre o papel da mídia na formação de imaginários geopolíticos, em que toma a análise de discurso como ferramenta epistemológica, em um movimento de recolocar, por meio de autores como Foucault, Pêcheux, Peirce e Verón, os discursos como objeto de conhecimento. Desta maneira, apesar de analisar as dez primeiras páginas da Folha de S. Paulo e de O Estado de S. Paulo no dia posterior ao 11 de setembro de 2001, não desenvolve uma investigação empírica no sentido de buscar “marcas do discurso jornalístico na expressão social latino-americana” (Steinberger, 2005, p.237).

## Jornalismo e América Latina, imbricamentos propostos

As pesquisas de D’Azevedo (1980) e Leal (1984), em suas construções e análises, trazem entendimentos sobre jornalismo internacional e América Latina que aparecem em trabalhos anteriores e contemporâneos ao Ciespal, à Nomic e à Comissão McBride. Esses entendimentos se repetem nas décadas seguintes nos demais trabalhos aqui analisados, quais sejam: a origem das informações está localizada em agências transnacionais, logo, a fonte é a mesma para todos os veículos e é externa; são as agências que decidem o que é notícia, o que se deve ou não saber, e quando a América Latina é noticiável, afinal, as notícias sobre os “vizinhos latino-americanos não nos chegam, diretamente, através de uma agência latino-americana, mas fluem, através de um filtro estrangeiro que nos libera apenas aquilo que convém” (Leal, 1984, p.66). Neste sentido, Steinberger (2005) vê as agências como as principais fontes de configuração dos acontecimentos, responsáveis pela discursivização do internacional a partir de fora e sob orientações também externas.

Os trabalhos analisados, da mesma forma, apontam para o negativismo com que são nomeados, pelas agências, os acontecimentos na América Latina. Na avaliação de Leal (1984), as notícias sobre os movimentos por autonomia e libertação nacional apresentavam enfoque negativo, assim como as notícias sobre guerrilha, terrorismo e guerra civil. Para a autora, tal enquadramento “leva-nos a acreditar que os conflitos e as crises, principalmente nos países de Terceiro Mundo, sempre serão nomeados pelas agências transnacionais [...] como indicadores de risco e de desestabilização para o contexto das nações” (Leal, 1984, p.144).

Sant’Anna (2001) retoma essa idéia ao falar de uma América Latina marginalizada pela grande imprensa mundial, e também pelos jornais brasileiros de referência, e chama a atenção para um discurso carregado pelo grotesco, em que se privilegia o negativo ou o exótico. Ao retomar a investigação de Rossi (1998)<sup>8</sup> acerca da cobertura internacional sobre a América Latina no Correio Brasiliense, Jornal do Brasil e Folha de S. Paulo, afirma:

<sup>8</sup>Trata-se de estudo da cobertura internacional sobre a América Latina no Correio Brasiliense, Jornal do Brasil e Folha de S. Paulo em que foram selecionadas 300 edições de cada um deles e, posteriormente, identificadas qualquer referência à América Latina. Ao todo foram identificadas 12.773 notícias e os países com maior destaque foram Argentina, México, Cuba, Colômbia e Peru.

[...] o imaginário do brasileiro leitor de um desses três jornais é fortemente abastecido por um volume de notícias negativas três vezes e meio maior (250 por cento a mais) do que as que trazem um conteúdo positivo. Essas informações associam os países vizinhos a narcotráfico, ditadura, terrorismo, corrupção escândalos, violência, situação social, instabilidade política e econômica, dentre outros (Sant'Anna, 2001, p.57).

A divisão em duas Américas, a oficial ligada à grande imprensa e a popular, dos movimentos sociais e da imprensa alternativa, é basilar para as construções teórico-analíticas desenvolvidas por Barbosa (2005). De antemão, o pesquisador identifica uma disparidade entre o que figura no oficial e no popular. Para Barbosa (2005), a grande imprensa especializou-se em estigmatizar a imagem dos movimentos sociais e dos meios de comunicação alternativos, reforçando a existência de uma outra América.

A América Latina Oficial olha para a América Latina Popular com um olhar diferente [...]. A América Latina Popular é considerada a periferia, o sul, o subalterno, o campo, a serra, o mestiço, a preguiça, a 'siesta' e a 'fiesta', a rusticidade gaúcha, o caudilhismo, a violência, a barbárie [...].

Essa divisão entre as Américas Latinas dentro da complexa América Latina é um dos principais fatores para explicar a ausência de notícias ou a generalização e banalização das informações. O que está ausente no noticiário é a América Latina Popular (proletária, camponesa, indígena, negra, mestiça) [...].

A América Latina Popular é a periferia e como tal só entra no noticiário quando reforça essa condição (Barbosa, 2005, p.69-70).

Por essas afirmações, Barbosa (2005) constrói o entendimento sobre a solidão latino-americana, como nomeia a dissertação, considerando a busca por fatores que resultam em pouco espaço, quantitativo e qualitativo, destinado à América Latina no noticiário da grande imprensa. O esforço empreendido por Leal (1984, p.54) norteia-se por questões semelhantes: “por que tal situação se sustenta de maneira tão sólida?” e “por que [...] essa situação aparece como natural e aceitável?”. A resposta se ancora no conceito de ideologia, mais precisamente no controle ideológico que os países do centro exercem sobre os periféricos, via agência transnacional.

Se considerarmos que as relações entre os países, sejam elas diplomáticas, comerciais ou políticas, são feitas, sobretudo, através de seus sistemas de

comunicação, os quais estão intimamente ligados com o sistema transnacional de poder, veremos que tais relações não se processam em nível de igualdade; são antes relações de poder, onde os mais fortes impõem aos mais fracos seus interesses, desde os econômicos até os ideológicos, de uma maneira sorrateira, porém, competente (Leal, 1984, p.56).

Na década seguinte, em ‘O exterior e o jornal’, o poder ideológico volta a basilar a análise do jornalismo internacional. Também para Francisco (1992, p.45), as agências agem “em favor de determinados preceitos ideológicos”. Já Steinberger (2005, p.72), adota a premissa de que “todo o discurso é ideológico” e que, portanto, essa não é uma característica exclusiva dos despachos de agências transnacionais que servem à construção do jornalismo internacional.

À discussão acerca do jornalismo internacional, Francisco (1992) agrega mais um elemento, a mitificação na imprensa, por uma abordagem teórica que entrelaça mito, ritual e jornalismo. A partir de investigação da editoria de Exterior da Folha de S. Paulo, afirma que o trabalho de um redator da editoria de internacional resume-se à tradução e ao estabelecimento de uma narrativa permeada pela mitificação que o assunto envolve. Para Francisco (1992, p.12), os mitos e ritos “garantem simbolicamente estabilidade na relação do homem com o mundo exterior”. O jornalismo, por sua mediação entre fato e discurso, é mitificador. Ao tratar especificamente do jornalismo internacional, a pesquisadora relaciona-o aos contos de fada, “que de tanto serem contados e recontados, acabaram perdendo seu caráter original” (Francisco, 1992, p.39). Faz, por essa tentativa de aproximação, alusão aos mecanismos de filtragem da informação, primeiro nas agências transnacionais, depois pelos jornais e jornalistas que recebem os despachos. Segundo a autora:

[...] a notícia internacional chega aos leitores recoberta por uma camada espessa de significações, aderidas a cada etapa da divulgação factual. Contada, recontada, selecionada e publicada, torna-se assim como um conto de fadas, porque vai ficando cada vez mais distante, difícil de se ver e de se imaginar. Acaba virando um mito, uma narração, um conto de fadas (Francisco, 1992, p.41).

À ideologia, Sant’Anna (2001) acrescenta a discussão dos conceitos de identidade e imaginário, o que denomina de três ‘Is’. Faz isso ao questionar-se: “a imprensa, enquanto canal de valores sócio, políticos e culturais terá in-

fluência sobre a formatação desses três ‘Is’?” (Sant’Anna, 2001, p.19). Nota-se que mais uma vez é discutida a presença de uma ideologia da classe dominante e da grande mídia na construção do jornalismo internacional latino-americano, como nos trabalhos de Leal (1984), Francisco (1992) e Barbosa (2005), porém na abordagem de Sant’Anna (2001) o peso maior é atribuído ao imaginário e sua construção pela mídia. Essa abordagem considera que uma mídia alimenta-se em outra sucessiva e continuamente e, assim, todas falam da mesma coisa, um ‘jogo de espelhos’, pressuposto balizado pela teoria do Efeito Circular Circulante, de Bourdieu (1997). Também do teórico francês, Sant’Anna (2001) acolhe a afirmação de que os jornalistas operam construções a partir do que vêem<sup>9</sup>, ou do que circula. De posse dessas premissas, tomadas de Bourdieu (1997), Sant’Anna aplicou um questionário a jornalistas latino-americanos, visando a avaliar até que ponto os conceitos transmitidos pela mídia eram incorporados ao imaginário desses e ao fazer jornalístico. Para Sant’Anna (2001, p.60), “o resultado não difere muito do que se verifica nas páginas dos jornais”, o jogo de espelhos a que se refere Bourdieu (1997), conforme segue:

Individualmente, os dois conceitos mais aplicados a cada um dos 21 países latino-americanos foram Subdesenvolvidos e Pobres. Corrupto aparece logo em seguida, à frente de Democrático. Guerrilha, Golpe, Ditadura são, na seqüência, os outros conceitos mais citados na seqüência. Valores como Ético, Bem Estar, Pacifista, Independente, Desenvolvido, dentre outros, praticamente não aparecem ou possuem citação residual.

Steinberger (2005), assim como Sant’Anna (2001), privilegia o imaginário ao tratar dos discursos geopolíticos da mídia. Aliás, os conceitos de imaginário e geopolítico são entrelaçados na proposição de uma geopolítica da mídia como nova ordem geopolítica sobre a América Latina. No âmbito do geopolítico, segundo Steinberger (2005 p.124), a mídia articula significações sociais imaginárias, a partir de “reconversões simplificadoras de outros discursos institucionais como o militar, o religioso, o diplomático etc”. Da mesma forma, ocorre o inverso, ou seja, o discurso e o imaginário geopolíticos se instituem a partir do jornalístico, podendo, inclusive, serem subsumidos

<sup>9</sup>Trata-se da afirmação de Bourdieu (1997,p.25): “os jornalistas têm óculos especiais a partir dos quais vêem certas coisas e não outras; e vêem de certa maneira as coisas que vêem. Eles operam uma seleção e uma construção do que é selecionado”.

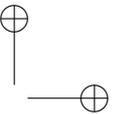
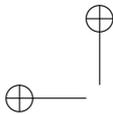
pelo midiático. Na avaliação de Steinberger (2005, p.124), “a originalidade da mídia está na maneira como se apropria desses imaginários e trabalha-os”.

Ao tratar do imaginário internacional na América Latina, Steinberger (2005, p.164) afirma que este não se encontra desvinculado dos discursos fundadores, seja político, seja econômico, cultural ou religioso, entre outros. Salienta também que, pela existência de discursos fundadores, não se pode encerrar a existência de um imaginário social latino-americano às agências de notícias, como faz Sant’Anna (2001), uma vez que, contemporaneamente, não se pode falar de um controle objetivo, sediado em um lugar determinado, mas de “um controle difuso” (Steinberger, 2005, p.270). Assim, diz-nos que “o papel do jornalismo como matriz histórica do imaginário internacional brasileiro e latino-americano ainda está para ser melhor revelado” (Steinberger, 2005, p.270).

As mesmas premissas tomadas de empréstimo de Bourdieu (1997) por Sant’Anna, aparecem no trabalho de Barbosa (2005) e compõem muitas das discussões acerca da presença da América Latina no jornalismo, especialmente no brasileiro. Para o pesquisador, os ‘óculos’<sup>10</sup> “são formados não só pelas lógicas da profissão, mas também [...] pela História da América Latina, pela visão do ‘outro’, como inferior e atrasado, pela herança colonial, pela americanização da cultura, pela ligação ‘orgânica’ dos jornalistas com a América Latina Oficial [...]” (Barbosa, 2005, p.136). As análises que encaminha a partir daí assumem, quase que de forma simplificadora, os ‘óculos’ de Bourdieu como resposta às escolhas da grande imprensa frente à América Latina.

O imbricamento entre o jornalismo internacional na América Latina e a história desse subcontinente é indissociável na construção teórica proposta por Steinberger (2005). É no campo da historiografia que a pesquisadora vai buscar a complementação teórica para uma análise interdiscursiva, já que considera “importante nesse processo [...] recuperar as direções em que vão sendo lançados os fios de uma teia do interdiscurso, esta sim, responsável pela produção [...] dos fatos jornalísticos” (Steinberger, 2005, p.220). É também a partir desta perspectiva analítica que entende a análise de discurso mais do que uma metodologia, uma epistemologia, pois, “analisar discursos é perscrutar suas genealogias, suas condições de produção, os percursos de configura-

<sup>10</sup>Idem.



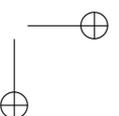
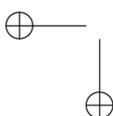
ção dos sentidos” (Steinberger, 2005, p.88). Por esse movimento, Steinberger (2005, p.257) indaga se “há na história latino-americana uma concepção de produção jornalística independente da intervenção/interpelação internacional” e revela que a jornalismo e, em esfera ampliada, o midiático, não se institui alheio ao contexto que lhe é exterior e anterior e vice-versa.

### **Perspectivas para análises outras**

É importante que se considere como perspectiva de análise que, no jornalismo internacional, o que rompe com a normalidade é, em grande parte, o elemento primeiro na definição/escolha de fatos que irão configurar no jornalismo. Um país-pauta, um país-fonte, um país a espera de ser narrado, país-relato (Dines, 2008). Por fazer referência a um contexto externo, já que trata de narrar o que acontece em outro país, o jornalismo internacional apresenta, por suas escolhas e construções discursivas, uma cartografia do outro, do estrangeiro. Ao fazer isso, estabelece uma geopolítica própria que revela (e silencia) pelo menos três aspectos: uma geopolítica dos fatos; uma geopolítica dos que falam, dos que ocupam o lugar de fonte, das falas que por estar entre aspas compõem o discurso jornalístico; e uma geopolítica dos que são citados, dos fatos e personagens que o jornalismo faz referência, direta ou indiretamente, de quem fala sem deixar falar.

Para além de dar o tempo a ver-se (Quèrè, 2005, p.15), o jornalismo internacional dá ao outro ver-se. É por meio de olhares forasteiros, das agências transnacionais, de correspondentes e enviados especiais, que um fato, um personagem ou um país é revelado pela narrativa jornalística. Mas, o dar a ver-se – do outro no tempo, ou do tempo do outro, ou ambos – acaba, de forma recorrente, por reduzir o que é complexo e amplo a um aspecto, que reiteradamente é pauta – a violência, o narcotráfico, a destruição da Amazônia, a corrupção, o populismo etc –, e a estereótipos.

Tomar o jornalismo como discurso de mediação e tentar depreender daí os sentidos construídos (ou atualizados) pelo jornalismo sobre o espaço, as relações e os acontecimentos geopolíticos latino-americanos parece-me uma visada produtiva, porque considera o discurso que se produz desde o exterior (ou que reproduz, como apontam os estudos analisados, o discurso das agências transnacionais de notícia, hegemônicos e ideológicos). Também por



essa perspectiva é possível identificar fluxos, de acontecimentos geopolíticos e de acontecimentos jornalísticos. Outra possibilidade é tentar depreender as diferentes camadas discursivas aderidas à notícia internacional.

A ancoragem teórico-metodológica deve permitir um movimento de apreensão do contexto sócio-histórico, uma vez que os discursos sempre remetem a outros, anteriores. “O lugar do ‘dizer’, no jornalismo, sofre determinações da ordem da exterioridade” (Zamin, 2008, p.85), e estas precisam ser consideradas em uma análise que pretenda relacionar o jornalismo à ambiência de sua produção e àquela a que faz referência.

A partir destas perspectivas, traço perguntas, sem, contudo, oferecer respostas. Como observar o jornalismo internacional sem atentar para o que está fora ou é anterior? Como tratar de acontecimentos jornalísticos que se originam em acontecimentos geopolíticos sem considerá-los? O que eles nos apresentam sobre relações da ordem do social? Como tratar o jornalismo sem considerar as especificidades que ele assume no tempo e espaço em que é produzido? É possível compreender o discurso de um jornalismo forjado em um contexto diferente do nosso pelos mecanismos de produção que dominamos? Como tratar das relações de poder entre campos, e aí o jornalismo como um deles, de forma não simplificadora? Como olhar para o ‘outro’?

É na articulação dessas perguntas que se pode avançar, já que nem o jornalismo, nem o geopolítico, conformam-se alheios ao conjunto de práticas, posicionamentos e enunciados de um e outro. Conjunto esse que se encontra delineado dia após dia nos noticiários, oferecendo indicações para se ‘ler’ o mundo.

## Referências Bibliográficas

- BARBOSA, Alexandre. *A solidão da América Latina na grande imprensa*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação. São Paulo, Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, 2005.
- BOURDIEU, Pierre. *Sobre a televisão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

- D'AZEVEDO, Martha Alves. *O controle externo da informação como forma de dominação*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Política e Sociologia. Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1980.
- DINES, Alberto. Apresentação. In: ROCHA, Jan et al (org.). *O Brasil dos correspondentes*. São Paulo: Mérito Editora, 2008.
- FRANCISCO, Fátima de Azevedo. *O exterior e o jornal: um estudo sobre o ritual da notícia internacional*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica. São Paulo, Pontifícia Universidade Católica, 1992.
- GOBBI, Maria Cristina. Introdução. In: GOBBI, Maria Cristina; MELLO, José Marques de. *Pensamento comunicacional latino-americano: da pesquisa-denúncia ao pragmatismo utópico*. São Bernardo do Campo: Umesp, Cátedra Unesco de Comunicação para o Desenvolvimento Regional, 2004. p.19-20.
- LEAL, Cleni Dombroski. *A notícia que não é nossa: uma análise do noticiário internacional da imprensa gaúcha*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Política e Sociologia. Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1984.
- MATTA, Fernando Reyes (org.). *A informação na nova ordem internacional*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- PETRY, Almiro. *Apontamentos sobre a América Latina*. 2008. Disponível em: <<Portal Minha Unisinos/PastaNet (acesso restrito)>>. Acesso em: 14 jun. 2008.
- QUÉRÉ, Louis. Entre o facto e sentido: a dualidade do acontecimento. *Trajectos*. N. 6. Lisboa, 2005.
- ROSSI, Patrícia A *América Latina das bancas de jornais: uma discussão sobre a negatividade das notícias*. Brasília: UNB, 1998.
- SANT'ANNA, Francisco Cláudio Corrêa Meyer. *Papel da mídia impressa brasileira no processo de integração latino-americana: um estudo do*

comportamento editorial de grandes periódicos nacionais. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social. Brasília, Faculdade de Comunicação, Universidade de Brasília, 2001.

SANTAELLA, Lucia. *Comunicação e Pesquisa*. São Paulo, Hacker Editores, 2001. (Coleção Comunicação).

STEINBERGER, Margarethe Born. *Discursos geopolíticos da mídia: jornalismo e imaginário internacional na América Latina*. São Paulo: EDUC; Fapesp; Cortez, 2005.

UNESCO. *Um mundo e muitas vozes: comunicação e informação na nossa época*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1983.

ZAMIN, Angela Maria. *A Discursivização do local-fronteira no jornalismo: estudo de caso de programas jornalísticos em rádios comunitárias*. Dissertação de Mestrado. Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, 2008.